

Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira*

An anthropological view upon the healers, fortune-tellers and seers in the Zona da Mata Mineira

Haudrey Germiniani Calvelli¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar as profissionais do sagrado na cidade de Juiz de Fora (MG) que oferecem serviços variados como vidência, tarologia, cartomancia, passes, benzeções, numerologia, entre outros, e prometem a solução de diversos problemas relacionados com o amor e a sorte. Desempenham um importante papel de mediadoras simbólicas entre tradição e modernidade ao estabelecerem uma relação mais profissional com seus clientes e utilizam recursos como a propaganda em folhetos e jornais para divulgar seu ofício e, assim, concorrer com outros serviços espirituais e de cura divina no mercado de bens religiosos.

ABSTRACT: This study aims to analyze the professionals of the sacred in the city of Juiz de Fora (MG). These “professionals” offer various services such as clairvoyance, tarologia, fortune telling, passes, blessings, numerology, among others, and promise to solve various problems related to love and luck. They play an important role as symbolic mediators between tradition and modernity by creating a more professional relationship with their customers and use resources such as advertising brochures and newspapers to publicize their craft and, thus, compete with other spiritual services and divine healing, in the religious goods market.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade. Magia. Consumo.

KEYWORDS: Religion. Magic. Consuming.

I. INTRODUÇÃO

A religiosidade que se funda, atualmente, no campo religioso brasileiro é marcada pela heterogeneidade, pelo sincretismo e pela presença de diversos especialistas

* Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada *As profissionais do Sagrado: Sobre a correspondência entre religião, magia e consumo no fenômeno da benzeção*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2000.

¹ Doutora em Ciências Sociais da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professora da Faculdade Dinâmica em Ponte Nova (Minas Gerais) e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero NIEG/UFV. E-mail: haudreyg@hotmail.com

religiosos². Diante desse quadro de pluralismo religioso, irei, através de um entre outros modelos interpretativos, analisar um desses especialistas que atuam no campo religioso contemporâneo, que têm se mostrado hábeis em dialogar com a tradição e, simultaneamente, com os indivíduos da sociedade moderna, possibilitando um pluralismo interno elaborado a partir da própria experiência do sujeito.

Então, como nos aponta Geertz (1989), “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças), mas nas aldeias” Especificamente, neste artigo, enfocarei determinadas especialistas religiosas presentes na cidade mineira de Juiz de Fora³, que denomino de “profissionais do sagrado”.

As profissionais do sagrado⁴, a partir do encontro e da mistura de elementos originários do catolicismo popular, com símbolos e signos da sociedade moderna, realizam adaptações para melhor atender a seus clientes, através do uso de diferentes “bens religiosos” retirados de contextos religiosos variados. As profissionais do sagrado mantêm, neste contexto cultural, uma relação mais profissional com seus clientes e se utilizam de recursos como a propaganda em folhetos e jornais para divulgar seu ofício, podendo, dessa maneira, concorrer com outros serviços espirituais e de cura divina no mercado de bens religiosos. Em seu ofício, através de manipulação simbólica, elas ressignificam elementos rituais, míticos e mágicos da tradição religiosa popular brasileira. Sua oferta deve atender a demandas de clientes inseridos em uma sociedade urbanizada e de consumo, alguns, entre eles, em afinidade com valores e a visão de mundo da cultura moderna. Como profissionais do sagrado, oferecem serviços variados como vidência, tarologia, cartomancia, passes, benzeções, numerologia, entre outros, e prometem a solução de diversos problemas relacionados com a sorte e a boa vida. Em outras palavras, pode-se dizer que essas especialistas parecem desempenhar um importante papel de mediadoras simbólicas entre tradição e modernidade.

Carlos Rodrigues Brandão (1986), em sua obra “Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular”, estabelece a relação entre a prática religiosa e econômica dos agentes de culto em Itapira (SP), dividindo-os em três categorias: primeiro, a dos que separam um tipo de prática da outra, conservando-se como trabalhadores seculares e não recebendo qualquer tipo de remuneração direta pelo exercício religioso; segundo, a dos que associam as práticas religiosas e econômicas para complementar os rendimentos monetários, recebendo remuneração pelo trabalho secular e também pelo trabalho religioso; e terceiro, a dos que fazem da prática religiosa uma atividade econômica e profissional (p.48).

2 Como bem observa Sanchis, a matriz do campo religioso brasileiro sempre foi plural, sempre houve um diálogo entre o “eu” e o “outro”. O que ocorre é que na contemporaneidade essa pluralidade se radicaliza.

3 A cidade de Juiz de Fora localiza-se na Zona da Mata Mineira, com cerca de 516.247 habitantes em 2010, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

4 O que chamo de “profissionais do sagrado” se refere a uma categoria de benzedoras que Brandão define como “especialistas autônomos de cura e sortilégios de benzimento e possessão.” (Brandão, 1986, p. 54)

Assim, as especialistas que ora defino como profissionais do sagrado podem ser incluídas na terceira categoria proposta por Brandão (1986), em cuja classificação aparecem também alguns especialistas mediúnicos não kardecistas e alguns agentes autônomos do catolicismo popular. Esses agentes recebem pagamento em dinheiro dos clientes a quem oferecem serviços, sob a forma de consultas diretas, ou de trabalhos próximos à magia, e vivem do trabalho religioso como única fonte de renda econômica. Entre os especialistas de cura popular, observados por Brandão, a remuneração profissional é bem-vinda por alguns e negada por outros, pelo menos na teoria. Os que negam o pagamento em dinheiro acusam aqueles que cobram pelas consultas ou trabalhos de “macumbeiros”, “falsos médiuns” ou “vigaristas”. Entre as benzedeadas católicas, presentes no campo religioso de Itapira, Brandão observou que há apenas retribuição em presentes tais como mantimentos de copa e cozinha e que o pagamento em dinheiro é quase sempre proscrito e está associado à feitiçaria. Existem também acusações de certas benzedeadas contra algumas de suas colegas de profissão que cobram preços fixos pelas rezas. Esses católicos que cobram são considerados interesseiros por seus irmãos de fé e de estarem trabalhando entre o santo e a macumba.

Após reunir critérios de diferenciação entre a prática religiosa e a econômica, Brandão afirma que “não é suficiente falar de tipos de especialistas religiosos em estado bruto”, pois para cada um deles pode haver alternativas combinadas, diferentes ou opostas, de aliança e de posições. “Um sacerdote, um padre, um pastor, um médium, pode existir em Itapira como um inventor religioso autônomo, um emissário em trânsito, um delegado residente, um funcionário subalterno ou um associado local de uma confraria de iguais” (op. cit., 1986, p.52).

Desta forma, partindo da ideia sugerida por Brandão e juntamente com os elementos empíricos coletados ao longo da minha pesquisa de campo, posso delinear, do ponto de vista analítico, a categorização das especialistas estudadas como profissionais do sagrado e, ou especialistas “autônomos de cura e sortilégios de benzimento e possessão”.

A necessidade de diferenciar os agentes religiosos estudados, construindo uma nova categoria, não é apenas para criar uma nova denominação entre as práticas mágico-religiosas já presentes em nossa cultura. Trata-se de uma hipótese de trabalho, pois acredito que o estudo de práticas de sortilégio, benção e possessão, articulados com a lógica simbólica da sociedade moderna, nos permite compreender como o tradicional é ressemantizado, mantendo sua eficácia simbólica em um novo contexto cultural. Nesse novo contexto, religião e consumo podem coexistir, não apenas como adaptações ou absorções unilaterais, mas como correspondência de sentidos.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

Elegi como campo privilegiado para essa pesquisa a cidade de Juiz de Fora. Tal escolha se justifica na medida em que esse centro é um local aglutinador de agentes mágico-religiosos e de consulentes destes serviços. Os métodos utilizados

durante a pesquisa foram coleta de folhetos de propagandas de agentes mágico-religiosos, seleção de amostra, pesquisa *in loco* (com entrevista e diálogo livre) e pesquisa bibliográfica.

Os passos iniciais da pesquisa foram dedicados à coleta de folhetos de propagandas distribuídos em locais de grande circulação de transeuntes, como o centro comercial, rodoviária, porta de escolas. Coletei também alguns anúncios de propagandas em classificados de jornais.

A partir do material coletado, selecionei uma amostra de dez especialistas mágico-religiosas. Realizei, então, entrevistas com as dez “profissionais” selecionadas, com o objetivo de observar as readaptações que elas fazem em seus afazeres mágico-religiosos face às demandas existentes em uma sociedade de consumo e em razão de sua inserção no mercado de bens mágico-espirituais.

3. UMA DESCRIÇÃO PRELIMINAR

As ofertas dos serviços realizados pelas profissionais do sagrado são anunciadas em vários meios de comunicação da cidade de Juiz de Fora. Aparecem em jornais de circulação local, regional e nacional e na rede internacional de computadores (a Internet), além dos tradicionais folhetos distribuídos pelas ruas no centro da cidade.

Os anúncios publicados trazem uma variedade de práticas oferecidas pelas “profissionais”, como exemplificado na Tabela I, de acordo com os dados apresentados pelas agentes entrevistadas.

Tabela I. As práticas oferecidas pelas “profissionais” entrevistadas.

Profissionais do sagrado	Práticas oferecidas
Ana Baiana	Vidência, búzios, cartas, faz e desfaz “trabalhos”.
Mãe Maralice	Búzios, tarot, cartas, passes e benzimentos.
Cigana Lira	Baralho cigano, baralho dos anjos e búzios.
Mãe Luna	Cartas, búzios, faz e desfaz “trabalhos”, “banhos de descarregos” e orações.
Vovó Estrela	Passes, benzimentos, búzios, cartas e tarot.
Dona Ires	Búzios, cartas, tarot, desfaz “trabalhos”.
Dona Vera	Astrologia, búzios, cartas, numerologia e “banhos de descarregos”.
Dona Luíza	Búzios, tarot, baralho cigano, simpatias, orações e faz e desfaz trabalhos
Vidente Nicoli	Búzios, cartas ciganas, faz e desfaz “trabalhos”, tarot egípcio, runas e cristais.
Samanta Bluck	Búzios africanos, tarot espanhol, runas, cristais e simpatias.

Além dos trabalhos relacionados nessa tabela, foi-me possível observar a existência de outros, tais como: cartas indianas, mapa astral, vidência d'água, vidência no óleo, I ching, runas, fengshui, numerologia, limpeza espiritual, feitiços e contrafeitiços, consultas a entidades como ciganas, Zé Pilintra e anjos, aconselhamentos, análise kármica, banho de descarregos, terapia dos cristais, entre outros serviços anunciados. Cada “profissional do sagrado” pode oferecer várias dessas práticas e diferentes combinações entre elas⁵.

Através delas, as profissionais prometem solucionar os problemas presentes na vida dos consulentes como a falta de dinheiro, a queda de lucro, o desemprego, a impotência sexual, a frieza sexual, o vício da embriaguez, a separação amorosa, a traição, a desarmonia no lar, a depressão, o mau-olhado e o quebranto⁶, entre outros problemas da vida, conforme dizem os anúncios⁷.

O consulente tem a opção de escolher entre a consulta realizada pessoalmente e aquelas realizadas pelo telefone. A título de ilustração, irei relatar o caso de uma cliente que pude acompanhar durante uma consulta a uma dessas profissionais. A consulta foi realizada em um momento em que a consulente estava passando por uma fase difícil de sua vida. Seu pai havia falecido de um ataque cardíaco fulminante poucos meses atrás e seu marido fora despedido inesperadamente da companhia onde trabalhava. A falta de perspectiva de um novo emprego estava afetando a boa convivência conjugal. Começaram, também, alguns desentendimentos entre seus irmãos em função da partilha da herança deixada pelo pai. Diante do desespero e da falta de otimismo em relação à sua vida, procurou uma profissional do sagrado que frequentava há anos. A primeira consulta aconteceu por indicação de uma amiga que, por sua vez, teve acesso a esses serviços através de um folheto de propaganda distribuído nas ruas da cidade.

Marcou como de costume a consulta pelo telefone. Quando chegou ao local da consulta, um apartamento residencial, duas pessoas aguardavam a sua vez na sala do apartamento. Passados alguns minutos, a porta do quarto em que a “profissional” realizava os atendimentos se abriu e saiu uma senhora. A próxima a ser atendida seria a nossa entrevistada.

Ela entrou no quarto, cumprimentou a profissional com três beijos no rosto, pois já eram conhecidas. Sentou-se a uma mesa. A profissional começou a sentir, naquele momento, a presença de uma carga negativa no ambiente. A consulente contou a ela seus problemas e pediu para que olhasse

5 Esses dados foram coletados durante a minha pesquisa de campo para a dissertação de mestrado *Profissionais do sagrado: sobre a correspondência entre religião, magia e consumo no fenômeno da benzeção*, 2000 UJFJ. No entanto, os dados registrados são fontes infinitas para a reflexão antropológica. Ao revisitar o meu caderno de campo, sou levada a novas possibilidades de interpretação das profissionais mágico-religiosas da cidade de Juiz de fora.

6 Segundo Câmara Cascudo “...são influências exteriores maléficas do feitiço, do mau-olhado. É o feitiço por fascinação, a distância, sem a coisa feita, o ebô intermediário, a muamba ou mandinga” (1984, pp.486, 487)

7 Trataremos mais à frente da especificidade das propagandas dos serviços da “profissional do sagrado”.

nas cartas do baralho cigano o que o destino lhe reservava.

A profissional pediu que a cliente dividisse o baralho em dois montes diferentes. Pegou o primeiro monte e falou que ali estava o passado. Começou a espalhar as cartas com os desenhos voltados para mesa e, aos poucos, ia virando-as, uma a uma, e dizendo o que elas representavam. O passado tinha sido triste, ela via a morte de uma pessoa querida, a família desamparada, a falta de dinheiro para sanar os compromissos e o nervosismo do marido. No passado, aparecia um “trabalho” feito em um terreiro de candomblé, por uma mulher invejosa. Entre uma informação e outra, a benzedeira pedia a confirmação da cliente que acabava contando detalhes sobre o que havia se passado. O segundo monte de cartas era o do futuro, e a benzedeira espalhou-as novamente pela mesa e começou a leitura. Cada carta que virava era interpretada pela benzedeira. O futuro prometia alegrias: o marido em breve iria conseguir um bom emprego; o espírito do pai da consulente estava tranquilo e já havia aceitado a morte do seu “corpo terreno”; seu espírito estava presente naquele local pedindo que a filha não chorasse por ele, mas promovesse a união da família. Neste momento, a consulente começou a chorar. A benzedeira pegou uma vela que estava acesa no altar dos santos e, com movimentos em cruz, começou a rezar o “Pai-Nosso” e convidou a consulente a rezar também⁸. Após o fim da oração, a benzedeira aconselhou a cliente a acender uma vela para o espírito do pai todas as noites e ainda lhe deu um folheto com uma novena de Santo Expedito, o santo das causas urgentes, para abrir os caminhos profissionais do marido da consulente, para desfazer o “trabalho” e, assim, acabar com as interferências negativas. A benzedeira pediu à cliente R\$ 50,00 reais para a compra de materiais como velas, cachaça, alimentos etc. A entrevistada nos contou que pagou a importância de R\$ 20,00 por esta consulta e mais os R\$ 50,00 para desfazer o “trabalho”.

Nesse depoimento, podemos perceber como os três planos – o da pessoa (confusa, desesperada), o da vida social (desemprego, falecimento do pai, desarmonia familiar) e o plano espiritual (ação de feitiços, mensagem do espírito do pai) – estão associados. O homem pode não ser o dono do seu destino, porque existem forças (inveja, feitiços, olho gordo) capazes de desorganizar a ordem da vida. O desejo da entrevistada em saber sobre o seu passado e futuro mostra uma tentativa de controlar o destino ao ter o conhecimento dessas forças. O ato de desfazer um feitiço possibilita simbolicamente deter as forças que impedem, por exemplo, que o marido consiga um novo emprego e que o casal tenha um bom relacionamento conjugal. Há uma negociação com as entidades espirituais mediada pela profissional que conhece o caminho para desfazer os “trabalhos” e, assim, tenta devolver à consulente a ordem social e individual da vida.

Os símbolos mágico-religiosos utilizados durante a consulta oferecem

⁸ Essa entrevistada é católica praticante e a profissional atenta a esse fato procura manipular na consulta dessa cliente instrumentos e símbolos referentes a sua motivação religiosa e cultural, como novenas e orações pertencentes ao catolicismo popular.

ao consulente mecanismos para compreender os seus conflitos pessoais. A possibilidade de o pai estar conformado com a sua própria morte e que existe, portanto, uma vida espiritual além da vida terrena, produz um novo sentido para a perda de um familiar querido. Quando o espírito do pai pede que ela promova a união da família, sente-se responsável por uma missão que lhe proporciona um novo objetivo para sua vida. O poder divinatório do baralho cigano, a novena de Santo Expedito, a mensagem do espírito do pai, o benzimento com a vela e o trabalho feito para desfazer o feitiço são símbolos mágico-religiosos capazes de oferecer uma linguagem que permite ao consulente exprimir, ordenar e vivenciar suas experiências afetivas conflituosas. Também, nessa consulta, podemos perceber que a frequência a uma mesma benzedeira resultou em uma maior confiança nela, podendo o consulente compartilhar seus problemas com uma pessoa que não faz parte de sua família, nem do ciclo de suas amizades. Assim, nos informa a entrevistada:

Quando a consulta acabou, me senti mais forte para enfrentar os meus problemas e também aliviada em dividir com uma outra pessoa um peso grande que estava nas minhas costas. Até o choro serviu como uma válvula de escape, um desabafo” (fem. 36 anos, balconista).

Podemos observar, enfim, que as profissionais do sagrado utilizam diversas práticas mágico-religiosas em cada consulta. Os clientes podem escolher entre as práticas da especialidade daquela profissional a que satisfaça mais sua motivação religiosa e cultural. A profissional pode também lançar mão de orações, benzimentos, simpatias, novenas etc., caso o consulente peça ou necessite, como nos mostrou o relato acima, quando a profissional pega uma vela acesa do altar e reza um “Pai-Nosso” perante uma crise de choro da consulente católica, na tentativa de consolar sua cliente.

Diante do vasto leque de opções oferecidas pelas profissionais do sagrado em suas consultas, é possível ordenar as práticas em oferta em dois grupos:

A) práticas divinatórias (oráculos): por exemplo, búzios, tarot, baralho cigano, carta cigana, I ching, runas, mapa astral, quiromancia, vidência e numerologia;

B) práticas da religiosidade popular brasileira: por exemplo, benzeções, simpatias, novenas, orações, banhos de descarrego, passes, fazer e desfazer “trabalhos” e consulta a entidades.

As práticas do primeiro grupo são apropriadas pelas “benzedeiras”, em alguns casos, quando um parente ou amigo próximo que trabalha com artes divinatórias decide ensinar os seus conhecimentos. Muitas vezes, já no início, a aprendiz demonstra possuir habilidades e prossegue seus estudos por conta própria, através da literatura específica ou da sua prática. Uma das benzedeiras entrevistadas nos relatou que aprendeu a jogar búzios com uma vizinha que aprendera no candomblé. Então, começou a jogar para as amigas e suas previsões

sempre aconteciam. Segundo ela, a vidência é um talento que algumas pessoas possuem desde o nascimento. O jogo de búzios seria um veículo para expressar esse talento.

Posteriormente, quando começou a dar consultas, profissionalmente, fez um curso de búzios no Rio de Janeiro e um outro de cartas ciganas. Pretende também aprender a ler as cartas do tarô. Acredita que seja melhor oferecer várias opções para os clientes, pois assim “pode agradar a todos”. Ela acredita que a prática ensina mais do que os cursos, pois “cada consulta é um jogo diferente”.

Entre as profissionais entrevistadas, há uma variedade de maneiras de utilizar as práticas divinatórias. Não existe um padrão definido para manipular os oráculos. Cada benzedeira tem um jeito próprio de exercer sua atividade. As consultas aos oráculos geralmente iniciam-se com uma pergunta feita pelo consulente. Ele pede previsões sobre seu futuro, conselhos que o ajudem em uma decisão importante a tomar ou revisões sobre seu passado que apontem algum feitiço feito contra ele. As profissionais interpretam as mensagens dos oráculos e sempre fazem perguntas ao consulente para confirmar o que está aparecendo. Por exemplo, a profissional vê na carta que existem pessoas próximas ao consulente que o invejam muito. Ela, então, lhe pergunta se ele tem amigos invejosos. A partir da confirmação do cliente, ela prossegue. Se ele diz que sim, ela sugere um “trabalho”, um benzimento contra olho-gordo, algo para neutralizar tal influência negativa. Se o cliente diz que não acredita que seus amigos possam invejá-lo, ela avisa que a inveja às vezes não é intencional e que mesmo assim pode fechar os caminhos do sucesso nos negócios, no amor e até afetar a saúde. Percebe-se, ao longo do diálogo entre ambos, que as manipulações dos oráculos são construídas, particularmente, por cada profissional em cada consulta. É uma prática interativa realizada mediante as interpretações que as profissionais fazem do jogo em sintonia com as interpretações que os consulentes fazem de suas próprias vidas. As realidades se interpenetram a realidade da interpretação que se faz do jogo com a realidade dos fatos da vida do consulente.

As práticas do segundo grupo fazem parte da religiosidade popular brasileira e podem ser encontradas em vários universos religiosos. As benzeções, simpatias, novenas e orações são práticas pertencentes ao universo do catolicismo popular e aparecem nas consultas das profissionais como complemento ao combate dos malefícios que atingem a vida dos clientes. As benzeções, como no catolicismo popular, são feitas mediante fórmulas específicas para cada mal. Os gestos com a mão, fazendo o sinal da cruz ou com um galho de arruda molhado em um copo com água, são gestos rituais também encontrados nas práticas das profissionais do sagrado. Elas utilizam-se da benzeção, na maioria das vezes, para curar mau-olhado ou para fechar o corpo contra todos os males. “O corpo fechado pode resultar de amuletos, conduzidos ao pescoço, livrando o portador de todos os perigos...”(CASCUDO, 1984, p.255).

Uma outra prática do catolicismo popular recorrente nas profissionais do sagrado são as simpatias, que podem ser utilizadas para prevenir ou remediar

o mal. São procedimentos que a própria pessoa pode fazer com a finalidade de alcançar alguma graça. Por exemplo, para curar a azia, o segredo é dormir com um copo d'água debaixo da cama. As simpatias mais receitadas pelas benzedadeiras modernas visam a atender às necessidades de seus clientes e são, na maioria das vezes, simpatias para atrair a pessoa amada, desfazer casamentos, livrar-se dos ciúmes do marido, fazer a sogra ir embora, ganhar dinheiro e atingir o sucesso profissional. Em algumas ocasiões, a benzedeira moderna utiliza orações oficiais do catolicismo como a Ave-Maria, o Pai-Nosso, a Salve Rainha como recursos complementares em suas consultas. Também ensinam novenas oferecidas a santos católicos em troca de pedidos. Os procedimentos utilizados para rezar uma novena são quase sempre os mesmos e determinam o estabelecimento de tempos e procedimentos específicos para a realização dos pedidos. No tempo de nove dias, o pedinte utiliza-se de uma mesma vela que acende e apaga até o final da novena. Das três graças solicitadas, duas devem ser “quase impossíveis”, e a terceira “para melhorar alguma coisa difícil”. As novenas de Santa Rita (padroeira das causas impossíveis) e de Santo Expedido (padroeiro das causas urgentes) são as mais procuradas em momentos de crises econômicas, desilusões amorosas e doenças (GOMES & PEREIRA, 1989, pp.240-241). Algumas benzedadeiras oferecem folhetos impressos com a imagem e a oração dos santos, conhecidos como “santinhos”, para os seus clientes fazerem as novenas em casa.

Os banhos de descarrego, utilizado também nos terreiros de umbanda, é mais uma das opções oferecidas pelas profissionais. São feitos à base de vegetais, sobretudo aqueles que têm a virtude de proteger contra o mau-olhado, tais como a arruda e a espada-de-são-jorge. O banho age como purificador na medida em que está associado à ideia de limpeza do corpo mediante as impurezas provenientes de influência negativas vindas de outras pessoas. Os banhos protegem as pessoas contra os feitiços, olho-gordo e outros “trabalhos” de espiritualidade negativa. Funcionam também para atrair fluidos benéficos. De um modo geral, as benzedadeiras modernas revelam, durante a consulta, a “receita” do banho que deverá ser tomado em casa, obedecendo a certas regras rituais como dia, hora e procedimentos específicos, antes, durante e depois da lavagem.

Os procedimentos rituais do banho de descarrego estão repletos de simbolismos também encontrados nos rituais de benzeções tradicionais realizados na zona rural⁹. Nas práticas do “fenômeno da benzeção moderna”, percebemos algumas afinidades com os simbolismos das práticas das benzedadeiras tradicionais.

O valor dos números usados na credence popular refere-se, desde os tempos mais antigos, não somente à noção de quantidade, mas às de ideias e forças. O simbolismo dos números aparece sempre em simpatias, nos ensalmos e nas fórmulas de benzeções, nos “banhos”, nos feitiços e nas rezas. Assim, os números três, sete e o nove têm, por exemplo, poderes para neutralizar ou prevenir os males da vida. O uso dos números ímpares está associado à ideia

9 Ver, por exemplo, Gomes & Pereira, (1989), Elda Rizzo, (1983).

de força, virilidade, perfeição, uma vez que são indivisíveis por dois. “São concepções legadas pelos pitagóricos e platônicos, assim como tradições orientais, notadamente dos israelitas”(GOMES & PEREIRA, 1989, p.69).

Outro preceito que se faz marcante nos ensalmos e aparece também nos banhos é a recomendação de jogar para trás alguns dos instrumentos usados no ritual. Jogar para trás é colocar fora do eixo normal da vida, porque o tempo não para, seguindo sempre em frente. Jogar atrás é colocar no passado; é tornar sem sentido; é inutilizar. O chá utilizado no banho deve cair para trás, levando consigo toda a carga negativa que deve ser eliminada. O que fica para trás já não é visto e, nesse sentido, deixa de existir (GOMES & PEREIRA. Op, cit., pp. 68-69).

Para a eficácia do banho como também de algumas benzeduras, simpatias e feitiços, recomenda-se sempre o uso de objetos não tocados (virgens) utilizados somente para o rito. Gomes & Pereira (1989), ao analisarem o uso de objetos virgens em rituais de benzeções em Minas Gerais, afirmaram que:

O tabu da virgindade floresce em todas as civilizações, no sentido de caracterizar a ausência de forma, a não revelação, a possibilidade da fecundação: o corpo virgem – como o objeto intocado – contém o germe da vida plena. A alma virgem é a que está pronta a receber a semente divina: vazia está aberta ao influxo de Deus” (Op, cit., p.67).

A toalha e a roupa sem uso ainda não se gastaram e contém, no vazio, a possibilidade de acolher a energia positiva que lhe é transferida pelo banho de descarrego. São todas forças simbólicas atuando juntas para diminuir as cargas negativas que atingem o homem.

Os passes também estão presentes entre as ofertas de práticas oferecidas em uma consulta de “benzeção moderna”. Os passes consistem em uma série de gestos ritmados que atuam sobre várias partes do corpo – cabeça, membros e peito – visando a retirar da pessoa as más influências que a habitam. Algumas benzedoras utilizam os passes nos finais das consultas. Segundo elas, ao tomar um bom passe, o cliente sente-se aliviado de dores de cabeça, dores nas costas e doenças dos nervos causadas por problemas espirituais, os quais aparecem quando a pessoa não desenvolveu sua capacidade de receber em seu corpo entidades espirituais, ou seja, a mediunidade¹⁰. Os passes são, nesses casos, apenas paliativos, pois não se deve fugir de uma obrigação espiritual, mas eles podem ser eficazes contra os males de inveja e maus desejos de algum inimigo. Nos casos mais graves, em que a doença é persistente ou o espírito não quer

10 A recusa em desenvolver a mediunidade pode trazer várias consequências ao indivíduo como doenças, desarmonia familiar e até mesmo falta de dinheiro. O processo do “desenvolvimento mediúnico”, para as profissionais do sagrado, pode acontecer quando o médium atende pessoas em consultas de ajuda espiritual, como é o caso das profissionais. Segundo elas, essa é uma das formas de desenvolver a mediunidade, outra forma seria trabalhar em terreiros de umbanda, candomblé e centros espíritas.

abandonar o corpo de sua vítima, exigem-se rituais mais complexos como os “trabalhos” em cachoeiras, praias ou encruzilhadas.

Os “trabalhos” são quase sempre indicados pelas benzedadeiras modernas contra os males causados por pessoas que, movidas por interesses próprios ou representando interesses de outras pessoas, utilizam-se de maus espíritos para realizar, através de trabalhos de magia, ações contra terceiros, isto é, “feitiços”. As benzedadeiras podem tanto desfazer “trabalhos” como fazer “trabalhos” em nome dos seus clientes. Os “trabalhos” são oferendas dedicadas às diversas entidades espirituais, visando a proporcionar sua boa vontade para com os homens, reforçar sua proteção, neutralizar entidades maléficas ou agradecer dádivas concedidas anteriormente. As oferendas devem ser colocadas perto das cachoeiras, rios ou praias, onde habitam diversas divindades. São constituídas de iguarias, bebidas e objetos apreciados pela entidade à qual se faz a oferenda. Existem também as oferendas que visam a anular os feitiços enviados por algum mandante. Segundo as profissionais, as oferendas utilizadas para desfazer trabalhos obrigam as entidades maléficas a desmanchar suas próprias “mandingas” em troca das oferendas. São utilizadas velas, bebidas e comidas para atrair os maus espíritos que deixam em paz o perseguido para fartar-se no banquete. Nesse momento, os espíritos do bem entram em ação neutralizando as forças negativas do enfeitizado, como observa Montero para o caso da Umbanda (1985, pp. 140-142).

As profissionais providenciam todo o material necessário para as oferendas e são elas ou seus ajudantes que as colocam em locais e datas previamente determinados durante a consulta aos oráculos. Muitos dos clientes entrevistados nos disseram que pedem às profissionais que façam ou desfaçam feitiços quando precisam deles. As profissionais recolhem o dinheiro do material e fazem as oferendas, pois os clientes, segundo elas, não sabem comprar o material específico e não possuem disposição para ir à noite em matas, cachoeiras ou mesmo viajar até cidades com praias, quando estão longe do litoral.

Os clientes preferem pagar pelo “trabalho”, não gostam de envolvimento com essas coisas. Às vezes são pessoas conhecidas, médicos, advogados, políticos ou esposas de gente importante na cidade que não se arriscam a serem vistos fazendo mandinga. Pagam o preço que for quando precisam. (Profissional do Sagrado).

Já os clientes acham que as profissionais é que entendem de magia, afinal é a profissão delas:

Uma vez, uma dona falou que eu precisava oferecer uma leitoa assada para desfazer um feitiço que fizeram contra o meu marido. Ela se ofereceu para comprar a leitoa, assar e levar a uma cachoeira por R\$ 100,00. Eu aceitei, estava desesperada com o abandono do meu marido e quem entende de “macumba” são elas. Imagina se minhas filhas me vissem assando leitoa e levando para fazer despachos! E o tempo que eu iria perder? A gente paga por

algo que não pode fazer. (consulente fem., 40 anos, vendedora).

Neste depoimento, percebemos a divisão do trabalho religioso. Um fenômeno que surge, segundo Bourdieu, juntamente com a urbanização, com suas transformações, e que contribuiu para a racionalização e moralização também da religião, na medida em que favorece o desenvolvimento de agentes especializados em serviços religiosos. Existem pessoas capacitadas a exercer certos serviços por serem “detentores exclusivos da competência específica necessária à reprodução de um “corpus” deliberadamente organizado de conhecimentos secretos, portanto raros. A função dos agentes religiosos é realizar “ações mágicas ou religiosas”, ações mundanas e práticas que são realizadas a fim de que tudo fique bem para os homens (BOURDIEU, 1984, pp.39, 84).

Acrescentaríamos, também, inspirados em Bourdieu (1984), que a divisão entre produção e consumo nas práticas mágico-religiosas pode ser compreendida como fruto da produção de valores simbólicos gerados em uma sociedade de classe, ou melhor, em uma sociedade marcada por fortes distinções e desigualdades socioculturais. A divisão não é só de trabalho, porque a própria divisão do trabalho expressa uma divisão social entre “fazedores de mandinga” e “consumidores de mandinga”. Se não podemos afirmar radicalmente que, no caso estudado, categorias sociais distintas se colocam em posições polares quanto à produção e ao consumo de bens mágico-religiosos, nossas entrevistas com consulentes de classe média nos levam a observar que a posição de “produtoras de bens mágicos” recebe por parte dessas consulentes um marcador social negativo. Consumidores de classe média procuram não se identificar como “fazedores de mandingas” ou de “macumbas”, termos tidos como pejorativos na cultura brasileira de classe média. Nesse sentido, arrisco-me a dizer que a divisão de trabalho não tem apenas uma função prática relativa à reprodução das condições materiais e racionais dos bens mágico-religiosos, mas desempenham também a função simbólica de expressar distinções sociais entre seus produtores e consumidores, sabendo-se que produtores de serviços mágicos estão historicamente marcados com o sinal da inferioridade social – o “poder” dos pobres, negros, ignorantes e escravos. Os consumidores de classe média, desprovidos de tais sinais de inferioridade, se dispõem a utilizar-se dos serviços de setores marginais da sociedade desde que com eles não sejam confundidos. Consomem, portanto, aquilo que não podem produzir, mantendo, dessa forma, as marcas da distinção.

Em alguns rituais podem acontecer também consultas às entidades. Existem profissionais que jogam búzios, cartas ou fazem benzimentos incorporados, ou seja, emprestam seus corpos e suas vozes à manifestação de espíritos que possuem poderes de saber sobre o passado, o presente e o futuro. Encontramos um caso em que uma profissional incorpora uma cigana para ler as cartas do baralho. Durante a consulta, ela fala com um sotaque diferente, passa a agir como uma outra pessoa, apresenta-se como cigana e diz estar ali apenas de passagem. Em um outro caso, a profissional, com gestos em sinal da cruz e olhos fechados,

começa a dizer sobre a vida do consulente. Acontecimentos passados, presentes e futuros se misturam. A voz da profissional muda, e ela diz estar vendo todos os acontecimentos da vida do cliente através dos olhos de um espírito vidente.

Esse conjunto de práticas desenvolvidas durante o seu ofício visa a melhorar as relações interpessoais, trazer a sorte, a prosperidade e o amor para os seus consulentes como também fazer previsões sobre seu futuro. Isso porque as benzedeadas acreditam na existência de um mundo no qual a inveja de outros homens e o não cumprimento de obrigações espirituais podem ameaçar a vida de todas as pessoas “desprotegidas espiritualmente”, através de “feitiços”, “macumbas” ou “demandas”. Acreditam, também, que são pessoas dotadas de poderes capazes de amenizar as incertezas, as angústias e as ansiedades, criadas por forças externas, cada vez mais presentes nas manifestações concretas da vida das pessoas que as procuram em busca de alguma solução.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que caracteriza, contudo, a atuação das profissionais do sagrado é a originalidade que cada uma tem ao recortar diversos elementos de universos simbólicos variados e fazer criativamente a sua própria “colagem”. Através da ação mágica produzida pelas benzedeadas ao manipular símbolos mágico-religiosos pertencentes ao caldo cultural e religioso brasileiro, revive-se e coloca-se em ação todo um universo mítico, povoado de símbolos que são plenos de significados emocionais e subjetivos para uma parcela da sociedade que recorrem a eles em momentos de crises.

As manipulações rituais realizadas pelas profissionais não podem ser consideradas uma moda passageira ou mera superstição fruto da ignorância popular, mas pertencentes a uma zona descontínua de crença e ceticismo que toca fundo o consulente.

Guerriero (1998), ao estudar a razão da procura pelas mancias na feira mística de São Paulo por indivíduos de um grande centro urbano, chega à conclusão de que as palavras repassadas pelos místicos, através da sua intuição ou “dom”, fazem presente o poder cósmico universal, no qual não se pode separar céu e terra, mundo superior e mundo inferior, o indivíduo e o todo. No caso dos consumidores das práticas oferecidas pelas profissionais do sagrado, além da insatisfação frente a outras maneiras de resolver os problemas – como é o caso da ciência, da tecnologia, da política entre outras, que nem sempre podem solucionar todos os problemas da vida – a procura por soluções mágicas, em nossa sociedade, estaria orientada por um *consensus coletivo* no sentido proposto por Lévi-Strauss (1970). Para que se compreenda como as práticas mágicas das profissionais do sagrado operam, é necessário levar em conta a organização simbólica e cultural que a sustenta. As práticas que constituem o repertório das profissionais, apesar de suas inovações, fazem parte de um consenso de que existem poderes como a inveja, o feitiço e os maus espíritos capazes de interferir na ordem normal da vida. O mal que atinge o indivíduo, agredindo seu

corpo ou desorganizando sua vontade, aparece sempre no pensamento religioso, diretamente associado à atuação de um agente exterior ao próprio indivíduo (CASCUDO, 1984, GOMES & PEREIRA, 1989, MONTERO, 1985, QUEIROZ, 1971, ZALUAR, 1980). O consenso social define quais os males possíveis de ocorrer. Cabe à profissional, através de suas técnicas mágico-religiosas, retiradas do acervo cultural religioso brasileiro mais amplo, proporcionar instrumentos simbólicos em comum acordo com seus consulentes, para deter os males que afligem a vida de cada um deles.

Desta maneira, a oferta produzida pelas profissionais consegue preencher lacunas de significados, em sintonia com o sistema classificatório das crenças e práticas atuais e reelaborar de forma original e inovadora elementos do universo religioso tradicional, não sendo necessário, para isso, uma conversão. Por exemplo, não é necessário ser kardecista para receber um passe de um espírito de luz e muito menos ser umbandista para se ter acesso a vodus, ebós e outras práticas das religiões afro-brasileiras capazes de neutralizar os males causados por pessoas invejosas. Talvez esteja aí a força das profissionais do sagrado. Com um amplo leque de opções mágico-religiosas, elas são capazes de dar acesso aos acontecimentos futuros e ainda neutralizar o mal que impede os bons acontecimentos da vida. As consultas a estas profissionais do sagrado propiciam momentos embalados por fragmentos religiosos capazes de produzir sentido que não foram encontrados em outras esferas dos conhecimentos ou em uma única prática mágico-religiosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- _____. *Distinction: A social critique of the judgement of taste*. Tradução de Richard Nice, Londres, Routledge&Kegan Paul, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: Um estudo sobre a religião popular*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5. Ed., Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan S.A, 1989.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais*. Juiz de Fora, Mazza Edições, 1989.
- GUERREIRO, Silas. O encontro da magia, mito e ciência na consulta aos oráculos: o espaço da feira mística. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, São Paulo, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In: *Antropologia estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1985.
- QUEIROZ, Marcos de Souza. Feitiço, mau-olhado e susto: seus tratamentos e

- prevenções na aldeia de Icapara. In: *Religião e Sociedade*, V, Tempo e Presença Editora, Rio de Janeiro, 1980.
- RIO, João do. *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1976.
- RIZZO, Elda. *Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas*. IFCH, dissertação de mestrado, Campinas, 1983.
- ZALUAR, Alba. Milagre e castigo, in: *Religião e Sociedade*, V. 5, Rio de Janeiro, Editora Tempo e Presença, 1980.

Recebido em: 15/09/2011

Aceito em: 5/10/2011